

A (SUB)VERSÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:

UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PRÁTICA DE
EXPLORAÇÃO URBANA NAS RUÍNAS INDUSTRIAIS DE
PELOTAS (RS)

DANIELA VIEIRA GOULARTE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na linha Cidade e Sociedade pela Universidade
Federal de Pelotas. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural, especialista em
Artes Visuais (CA/UFPe) e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição.

E-mail: arquiela.ufpel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7108-9928>

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v19i38p234-265>

RECEBIDO

30/08/2023

APROVADO

07/10/2024

A (SUB)VERSÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PRÁTICA DE EXPLORAÇÃO URBANA NAS RUÍNAS INDUSTRIAIS DE PELOTAS (RS)

DANIELA VIEIRA GOULARTE

RESUMO

Este artigo mostra as experiências vivenciadas por exploradores urbanos nos antigos espaços fabris da Zona do Porto na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, na época em que esse lugar se encontrava praticamente abandonado. O conteúdo apresentado faz parte de uma pesquisa que buscou conhecer relações fenomenológicas desenvolvidas entre sujeitos de diferentes grupos e o patrimônio industrial local em contextos socioeconômicos distintos, com o propósito de conhecer diferentes versões desse mesmo patrimônio e refletir sobre suas possibilidades de preservação. Por meio de análise dialética e da combinação de narrativas orais e visuais utilizadas na metodologia, a pesquisa confirmou que esse patrimônio, na condição de ruína, atua como lugar de criatividade, respiro e ressignificação, além de demonstrar a sua estreita relação com a produção artística e a contracultura.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio industrial. Ruína. Paisagem urbana.

THE (SUB)VERSION OF INDUSTRIAL HERITAGE: AN APPROACH FROM THE PRACTICE OF URBAN EXPLORATION IN THE INDUSTRIAL RUINS OF PELOTAS (RS)

DANIELA VIEIRA GOULARTE

ABSTRACT

This study is about urban explorers and their historical experiences with regard to abandoned factories from the Zona do Porto in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. It is a part of a research about the developed phenomenological relations between subjects from different groups and the industrial heritage, comprising distinct socioeconomic contexts. The objective for this study was to acknowledge the different versions of that historical patrimony and identify possible ways for its preservation. The following methodology was used: dialectic analysis, and the combination of visual and oral narratives. It was concluded that these historical old buildings, on their condition of heritage ruins, act as places for breathing, creativity and resignification, and also demonstrate a close relation with artistic production and counterculture.

KEYWORDS

Industrial heritage. Ruin. Urban landscape.

1 INTRODUÇÃO

Considerado como parte integrante do patrimônio cultural, o patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura da industrialização, nas dimensões material e imaterial. Os valores históricos, tecnológicos, sociais, arquitetônicos e científicos atribuídos a esse tipo específico de patrimônio estão diretamente vinculados aos processos produtivos e às relações do mundo do trabalho.

O propósito deste artigo é apresentar uma outra versão, não oficial, sobre ressignificações, percepções e valores atribuídos ao patrimônio industrial, e relacionados ao mundo das artes, da contracultura e da subjetividade. Esse conteúdo faz parte dos resultados de uma pesquisa que procurou conhecer as relações desenvolvidas por distintos grupos de usuários com o patrimônio industrial da Zona do Porto (como o lugar é conhecido popularmente), nos diferentes contextos socioeconômicos vivenciados pela cidade de Pelotas (RS). A pesquisa considerou a importância de se obter diferentes versões sobre um mesmo bem patrimonial para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre esse lugar de relevância histórica e afetiva para a população e refletir sobre novas possibilidades de preservação. Conforme o *Manual de educação patrimonial* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan),

quando o assunto é patrimônio cultural não existe apenas uma versão sobre as coisas. As pessoas podem ter diferentes informações sobre um mesmo bem cultural e dependendo das suas relações com o bem, elas podem até ter visões contrárias sobre ele. Quanto mais informações e versões forem obtidas, mais profundo será o conhecimento sobre o bem, seus significados e a importância que ele tem para as pessoas (Iphan, 2013, p. 8).

A paisagem da Zona do Porto de Pelotas é marcada por um acúmulo de elementos¹ resultantes dos processos de permanências e rupturas² dos modelos socioeconômicos vivenciados pela cidade (Duarte, 2006). Cada conjuntura possibilitou que o patrimônio industrial do local se materializasse de diferentes formas, sendo conseqüentemente utilizado por diferentes grupos de pessoas, nos diferentes contextos. Inicialmente a pergunta que motivou o desenvolvimento da pesquisa foi: Como diferentes grupos de pessoas percebem esse(s) patrimônio(s)? Quais valores lhes são atribuídos? Quais memórias a eles estão relacionadas?

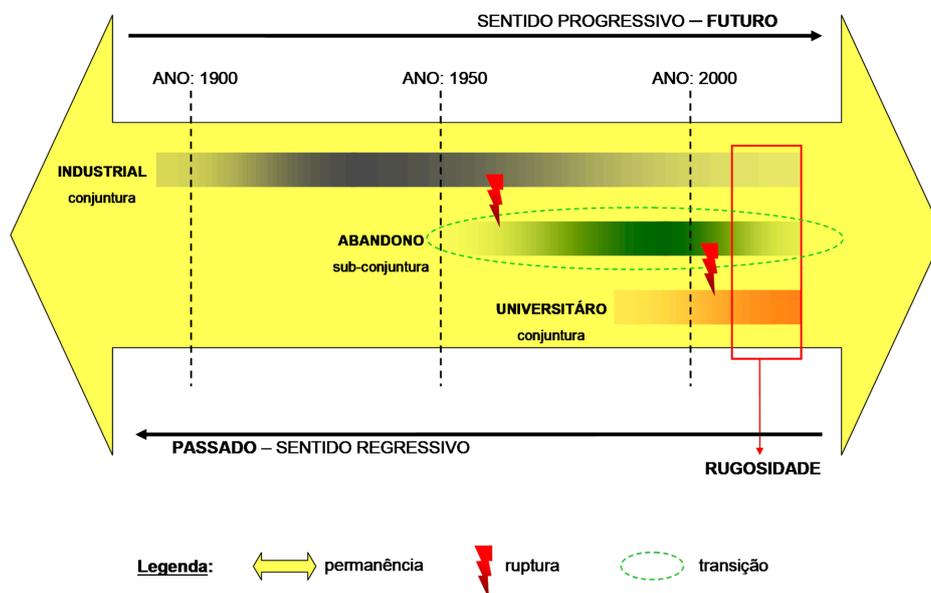
A postura analítico-dialética e o movimento regressivo-progressivo (Lefebvre, 2013) adotados na metodologia, contribuíram para a identificação de três conjunturas bem definidas nesse processo de permanências e rupturas, e foram classificados pela pesquisa como: período universitário, período do abandono, e período industrial. Os sujeitos participantes da pesquisa foram escolhidos em função de vínculos diretos com esses patrimônios em cada um desses períodos, sendo classificados pela pesquisa como: comunidade acadêmica (período universitário), exploradores urbanos (período do abandono) e antigos trabalhadores (período industrial) (Figura 1).

1 O acúmulo de elementos ou objetos técnicos que foram produzidos em diferentes períodos e são visualmente identificáveis na paisagem pode ser chamado de rugosidade. Para Santos (2006), a rugosidade representa as marcas do tempo impressas na paisagem.

2 Para Duarte (2006), permanência é o pano de fundo sobre o qual a ruptura acontece, e se constitui no eixo temporal da continuidade dos processos sobre os quais se pretende identificar e registrar as rupturas. A ruptura indica uma descontinuidade, uma mudança súbita de orientação no curso previsível dos acontecimentos, um corte em relação a um conjunto de valores e expectativas estabelecidos numa determinada época, acompanhado de um salto em direção a uma nova conjuntura, a ser instituída a partir da superação da conjuntura precedente.

FIGURA 1

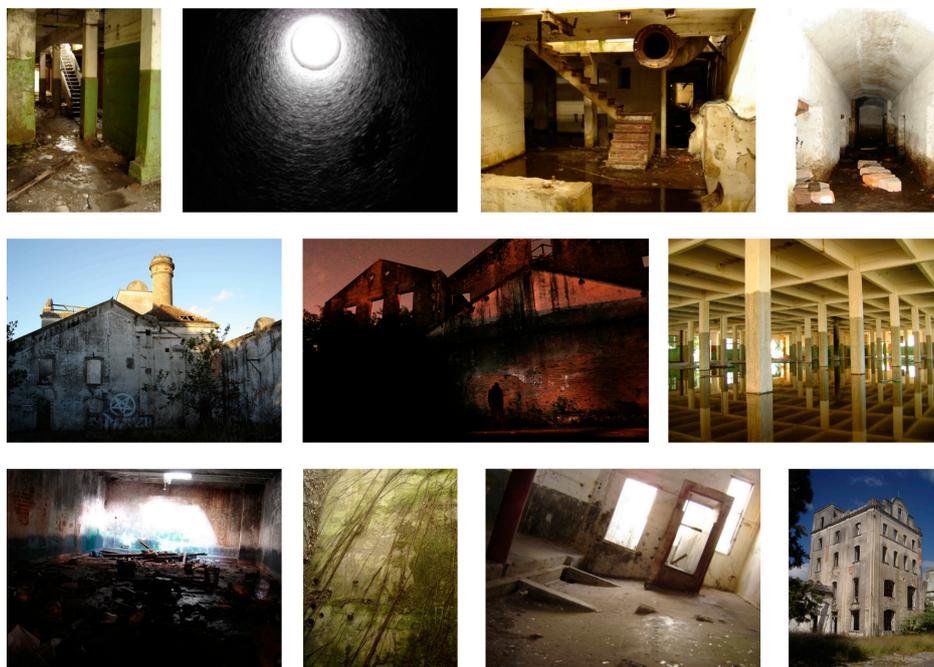
Esquema gráfico da relação entre permanências e rupturas na Zona do Porto. Fonte: elaborado pela autora, 2020.



Os dados coletados sobre o período do abandono revelaram que a Zona do Porto, antiga zona industrial da cidade de Pelotas, converteu-se em um lugar propício à prática de exploração urbana³ entre o final da década de 1990 e a primeira década do ano 2000, devido ao processo de desindustrialização que se iniciou na segunda metade do século XX e que transformou esse espaço urbano em um cenário repleto de ruínas industriais. De caráter subversivo, as explorações urbanas praticadas por integrantes do movimento *underground*, conhecido como *Dark City*, buscavam lugares de lazer alternativos, o que resultou no fortalecimento das relações e elos afetivos entre esses indivíduos e o lugar (Figura 2).

³ Exploração urbana, ou *Urban Exploration*, é a investigação, documentação, exploração e mapeamento de lugares abandonados ou de acesso proibido. Impulsionados por um espírito aventureiro e pelo prazer da descoberta, os exploradores urbanos ultrapassam – com autorização ou não – áreas de manutenção ou serviço de edifícios, túneis, prédios abandonados – como hospitais, edifícios do governo e instituições militares – e qualquer outro lugar onde o grande público não deveria ir. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/urban-exploration>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FIGURA 2
Coletânea de
fotografias
obtidas durante as
explorações urbanas.
Fonte: acervo de
A.M.L., 2005-2008.



O conteúdo apresentado demonstra de que maneira esse patrimônio, na condição de ruína, atuou como lugar de reflexão, resignificação, criatividade e respiro, sendo vivenciado despretensiosamente de análises teóricas e de abstrações do conhecimento, e expressos por meios artísticos. Os dados configuram um conjunto de informações originais e inéditas sobre o referido patrimônio industrial, podendo contribuir para a construção de novos conhecimentos e a ampliação das discussões sobre outras possibilidades de preservação do patrimônio industrial.

2 A ZONA DO PORTO E O SEU PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

O Porto de Pelotas iniciou suas atividades em 1832, às margens do Canal São Gonçalo, para atender às necessidades de escoamento da produção do charque e do transporte de passageiros. As charqueadas foram a principal atividade econômica da cidade ao longo do século XIX e, através da utilização da mão de obra escravizada, acumularam enorme riqueza e

opulência para a cidade (Gutierrez, 2001; Magalhães, 2012). As mudanças ocorridas na sociedade brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX, nos âmbitos técnico-produtivo e político-administrativo, afetaram diretamente a conjuntura socioeconômica da cidade, marcando sua primeira ruptura. A abolição da escravatura, em 1888, a instauração da República, em 1889, e a intensificação do movimento de imigração, entre 1889 e 1930, impulsionaram o fim das charqueadas e deram início à atividade industrial em Pelotas (Pesavento, 1985; Magalhães, 2012).

Buscando uma localização vantajosa para o escoamento de sua produção, as indústrias se instalaram em torno do porto e da malha ferroviária, implantada em 1884. Residências foram construídas nas imediações do porto ao longo do século XX para absorverem a demanda migratória da população que vinha trabalhar nas fábricas, consolidando assim bairros industriais e operários (Essinger, 2009; Ferreira, 2011). Conforme Britto (2011), o vertiginoso processo de industrialização ocorrido em Pelotas, no entanto, manteve seu dinamismo por um período relativamente curto, apesar das amplas transformações que ocasionou. De forma geral este período pode ser compreendido entre as primeiras décadas do século XX até meados da década de 1980 quando, sob influência do chamado fim do “milagre brasileiro”, o otimismo do mercado nacional desponta numa profunda crise econômica, repercutindo diretamente no processo de desindustrialização em Pelotas (Britto, 2011, p.18).

O processo de desindustrialização na área ocorreu de forma gradativa a partir da segunda metade do século XX. Mudanças políticas e econômicas, bem como tecnológicas e espaciais resultantes das alterações dos modos de reprodução do sistema capitalista, somados ao advento da globalização, ocasionaram a transferência da zona industrial para as margens das rodovias BRs 116, 392 e 471, e conseqüentemente, o abandono de diversos prédios industriais na zona portuária (Britto, 2011). Esse processo representou uma nova ruptura para a cidade que, diante da crise, buscou solucionar as problemáticas econômicas e espaciais, sugerindo novos usos para essas antigas fábricas (Vieira, 2005; Michelon, 2019).

Foi nesse contexto, praticamente na virada do século XX para o século XXI, que a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) se incorporou à Zona

do Porto. A instituição adquiriu alguns dos prédios industriais desativados⁴, caracterizando uma solução conjunta para conciliar as antigas demandas da instituição por área física com a reversão da situação de subutilização da infraestrutura urbana e das superestruturas industriais obsoletas. A reutilização dessas antigas fábricas pela universidade ocorreu contemporaneamente ao processo de reconhecimento desses bens, pelo poder público municipal, como integrantes do patrimônio cultural de Pelotas.

Porém, a salvaguarda em nível municipal não foi suficiente para garantir a sua proteção de forma adequada, conforme recomendam as cartas patrimoniais⁵. De acordo com a avaliação da Secretaria Municipal de Cultura, os prédios industriais adquiridos pela UFPel, incluídos no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas⁶, foram enquadrados no Nível II de preservação, que é assim descrito pelo III Plano Diretor de Pelotas⁷:

II - Nível 2: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam a preservação de suas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, ou seja, a preservação integral de sua(s) fachada(s) pública(s) e volumetria, as quais possibilitam a leitura tipológica do prédio. Poderão sofrer intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas. Sua preservação é de extrema importância para o resgate da memória da cidade (Pelotas, 2008).

Diante da permissão concedida legalmente, as intervenções internas realizadas pela UFPel para adaptar os prédios aos novos usos acadêmicos eliminaram praticamente todo maquinário e configurações espaciais existentes, que juntos compunham a narrativa dos processos produtivos das fábricas. Segundo Choay, os processos de reutilização de bens patrimoniais

4 Foram adquiridos pela UFPel: o prédio da antiga Fábrica de Lã, Cooperativa Sul Rio-Grandense de Lã (COSULÃ) e seus galpões, em 1996; o complexo do Frigorífico Anglo, em 2006; o Moinho Santista, em 2008; a Fábrica Cotada, em 2009; o Prédio da Alfândega, em 2010; e o Prédio da Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense), em 2012 (Michelon, 2019).

5 As Cartas patrimoniais são documentos de abrangência internacional, firmados a partir de encontros técnicos-científicos e possuem caráter de prescrição e/ou recomendação, servindo de referência às ações sobre determinado bem patrimonial. O patrimônio industrial possui três documentos voltados à sua salvaguarda: *Carta de Sevilha* (2018), *Princípios de Dublin* (2011) e *Carta de Nizhny Tagil* (2003).

6 O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foi criado pela Lei Municipal 4.568/2000 e atualizado pelos Decretos 4.490/2003 e 4.703/2004.

7 O III Plano Diretor de Pelotas foi instituído pela Lei Municipal 5.502/2008 (Pelotas, 2008).

caracterizam uma ação paradoxal, audaciosa e difícil, quando se quer valorizar um patrimônio sem que para isso o seu destino seja o de museu, pois geralmente na prática de reutilização o bem é “poupado aos riscos do desuso para ser exposto ao desgaste e usurpação do uso” (Choay, 2006, p. 21).

De acordo com Kühl (2018), o processo de tombamento, ou inventário, é um reconhecimento oficial de algo que tem valor para a sociedade, porém não resolve todos os problemas. Contrapondo a associação que geralmente é feita com o congelamento da obra, a autora afirma que “O tombamento impõe alguns limites: o bem não pode ser destruído nem ser transformado livremente, de forma aleatória, mas pode ser sim alterado” (Kühl, 2018, p.195). A preservação de um bem demanda um conjunto de ações como estudos, documentação, registros, e a intervenção em si. O projeto de intervenção deve ser baseado num estudo sobre a obra específica, apresentado aos órgãos envolvidos e aprovado oficialmente, além de ser discutido de maneira mais ampla, especialmente se pensarmos nos edifícios públicos, como por exemplo o caso da UFPel. “A equipe envolvida deveria ter canais de diálogo para entender e apreender os anseios da comunidade, ou de grupos organizados, com relação àquela obra ou conjunto de obras” (Kühl, 2018).

Contudo, a intrínseca relação entre o patrimônio industrial adquirido pela universidade, o espaço urbano e o patrimônio natural do entorno com os demais bens do patrimônio cultural na região portuária de Pelotas, confere a UFPel um caráter singular enquanto objeto de estudo. Julián Sobrino⁸ considera extraordinária a iniciativa da universidade por recuperar diversos prédios industriais com a finalidade de construir um campus universitário entrelaçado com a memória do território (Michelon, 2019).

3 A BUSCA PELA DIVERSIDADE PARA AMPLIAR A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

O patrimônio industrial foi oficialmente reconhecido por iniciativa do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage

⁸ Coordenador do VII Seminario de Paisajes Industriales de Andalucía Pensando el Patrimonio industrial. Los Retos del siglo XIX, pelo Centro de Estudios Andaluces e o Comitê Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial - Espanha (TICCIH - Espanha), que resultou na elaboração da atual *Carta de Sevilha*, de 2018.

(TICCIH)⁹, com a Carta Patrimonial de Nizhny Tagil (2003). O documento assim define:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (TICCIH, 2003).

A Carta recomenda que a preservação do patrimônio industrial leve em consideração a sua natureza específica, e reconhece a importância da reutilização desse patrimônio como um meio sustentável de preservação sob os aspectos econômicos, ambientais e sociais. Recomenda, entretanto, que os novos usos sejam compatíveis com a sua utilização anterior:

Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico. [...]

A adaptação coerente, assim como a reutilização, podem constituir formas apropriadas e económicas de assegurar a sobrevivência de edifícios industriais, e devem ser encorajadas mediante controles legais apropriados, conselhos técnicos, subvenções e incentivos fiscais. [...]

As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade (TICCIH, 2003).

Não obstante, a Carta Patrimonial de Sevilha do Patrimônio Industrial (2018) aborda a necessidade desse patrimônio ser pensado, atualmente, a partir de um enfoque renovado, capaz de se tornar um cenário de ações transdisciplinares para atender a todas as mudanças complexas da atual sociedade globalizada, especificamente relacionadas ao mundo do trabalho. As mudanças nas relações sociais, espaciais e tecnológicas, e os laços cada

⁹ Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial.

vez mais estreitos entre patrimônio natural e patrimônio cultural, o material e o imaterial, o objeto e o contexto, o local e o global, a participação técnica especializada e a participação cidadã, etc., configuram diversas variáveis que compõem esse mosaico multidisciplinar que, postas em contradição, conformam um território dialético que torna as ações para a preservação do patrimônio industrial no século XXI proporcionalmente mais desafiadoras (TICCIH, 2018).

A Carta recomenda a revisão de critérios de intervenção para o estabelecimento de um consenso em que se possa conciliar a conservação de seus valores, a ativação de suas potencialidades e a sustentabilidade do projeto junto à diversidade de novos usos. O documento considera também o aumento da consciência social sobre o conceito de que patrimônio cultural não tem dono, é de todos, para indicar a necessidade de pensar modelos participativos mais inclusivos para os cidadãos (TICCIH, 2018).

Visando ampliar e aprofundar os conhecimentos relacionados ao patrimônio industrial adquirido pela UFPel na Zona do Porto, levou-se em consideração as diferentes materialidades e relações fenomenológicas¹⁰ que se manifestaram nesse lugar. A importância da participação das comunidades para a descoberta de novos aspectos humanos e sociais relacionados à produção do espaço e à preservação patrimonial é importante porque “a comunidade busca perceber lugares familiares em seu ambiente construído, que estejam carregadas de memórias significativas e que possam gerar-lhes estabilidade psíquica e social” (Del Rio, 1990, p. 96). A discussão que se propõe neste artigo considera que, se a instituição de uma conjuntura implica na extinção ou superação de outra, é possível compatibilizar a existência das distintas materialidades, contidas respectivamente em cada conjuntura, garantindo suas coexistências de maneira que todos os envolvidos com esse patrimônio se sintam contemplados? É possível ampliar as possibilidades de preservação do patrimônio industrial, legitimando outros aspectos, não oficiais e até então desconhecidos, mas que são considerados importantes

10 A materialidade e as relações fenomenológicas foram baseadas na teoria da produção do espaço de Lefebvre (2013) a qual propõe uma estrutura dialética tridimensional para analisar o espaço social partindo da materialidade da prática social real (Marx), a qual se põe igualmente em contradição tanto com as materializações da abstração do conhecimento, da linguagem e da palavra escrita (Hegel), quanto com as materializações das subjetividades dos desejos e da poesia (Nietzsche).

para a população?

De acordo com Jacobs (2001), a diversidade do meio urbano é um atributo fundamental para garantir a qualidade de vida nas cidades, e deve ser preservada. A ativista chamou a atenção, já na década de 1960, sobre a importância da participação das comunidades nos processos de planejamento e da preservação da diversidade do meio urbano. A autora propõe que essa diversidade ocorra através da criação de usos e atividades economicamente eficazes de forma combinada, e que possibilite a geração de fluxos de diferentes grupos em diferentes horários, garantindo a vitalidade das ruas através de um trânsito permanente de pessoas. Ela propõe também a manutenção de prédios antigos, garantindo uma combinação de edifícios de diferentes épocas e estados de conservação.

As ruínas inseridas no meio urbano, ainda que não se enquadrem no grupo dos usos e atividades economicamente eficazes, pertencem a diferentes épocas, possuem valores históricos, artísticos e de antiguidade (Riegl, 2008), e se propõem a outras finalidades. Conforme Rocha (2008), ao olharmos para arquiteturas abandonadas na cidade, nos deparamos com um mistério indecifrável, privilegiamos outro olhar, outra lógica, exercitamos outro modo de pensar. São muitas as perguntas até encontrarmos respostas, até nos acostumarmos com esse quadro, como se fosse um objeto de decoração constituído de restos de construção e apreciado como ruínas. Pode-se dizer que esses espaços abandonados se manifestam no meio urbano, utilizando-o como suporte para sobreviverem na forma de arte, assim como “uma obra contemporânea não transforma o mundo em arte, ao contrário, solicita o espaço do mundo em comum para nele se instalar como arte” (Tassinari, 2001, p. 76), proporcionando lugares para reflexão e fruição de distintas experiências e ressignificações.

Para Meneguello (2013), a incorporação de ruínas industriais no meio urbano têm caráter pedagógico, no sentido de “ensinar sobre a forma ansiosa como concebemos as nossas cidades” de maneira que todos os lugares devem ter usos claros e definidos. Diz a autora que as cidades necessitam de espaços de reflexão e respiro, e as ruínas se propõem a isso, além de oferecer experiências perceptíveis já que

Se pensarmos nos [...] grupos de exploração urbana que existem há décadas e visitam e fotografam espaços industriais abandonados, vemos

que a percepção desses espaços do modo como são — em estado de ruína — é uma percepção possível que subverte as lógicas de beleza e utilidade a que estamos acostumados (Meneguello, 2013, p. 254).

Além disso, elas têm a capacidade de nos comunicar sobre as transformações tecnológicas predatórias, da obsolescência dos processos produtivos, dos desempregados, da desindustrialização de nossas sociedades, pois revelam até mesmo os ocultos processos sociais, políticos e econômicos por meio dos quais se obtém o valor da terra urbana. Para a autora, as ruínas industriais presentes nas cidades seriam como “um lembrete, um monumento aos nossos excessos de desperdício [...]. A desordem que elas propõem nos tiraria de nosso ilusório conforto” (Meneguello, 2013, p. 253).

A metodologia da pesquisa¹¹ que subsidiou este artigo adotou uma postura analítico-dialética, e utilizou o método regressivo-progressivo proposto por Lefebvre (2013). Nesse percurso, a pesquisa partiu de uma análise sobre o contexto atual, onde ocorre a reutilização das antigas ruínas industriais na Zona do Porto pela UFPel (período universitário), indo em direção ao passado, contexto em que o bairro do Porto funcionava como a zona industrial da cidade (período industrial), passando pelo processo de desindustrialização (período do abandono). Esse movimento possibilitou conhecer aspectos das realidades pretéritas analisando-as sob a ótica do presente, retornando com novas reflexões, interpretações e encaminhamentos para o futuro.

Ponderando o caráter subjetivo, sensível e complexo das informações que se pretendia obter, criou-se uma combinação de instrumentos de coleta de dados composta por narrativas orais e visuais (fotografias e mapas mentais). Empregou-se a história oral (Portelli, 2016), considerando a intrínseca relação existente entre narratividade e memória (Ricoeur,

11 GOULARTE, Daniela Vieira. *Memórias, resignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: o lugar da UFPel no Porto de Pelotas*, RS. Pelotas, 2021. Dissertação (Memória Social e Patrimônio Cultural) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

1998). Utilizou-se a técnica de foto-elicitação¹² (Mendonça; Viana, 2007), baseado no fato de que as imagens funcionam como suportes de narrativas (Manguel, 2001), e também no poder que a visão possui para “invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo seu corolário de emoções” (Cullen, 2013, p.10). Por fim, adotou-se a representação de mapas mentais elaborados pelos participantes, porque essas imagens constituem o “quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador” (Lynch, 1997, p. 4), onde é possível identificar as qualidades visuais e físicas das cidades.

4 A (SUB)VERSÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

Os exploradores urbanos que participaram da pesquisa eram integrantes de um movimento *underground*¹³ conhecido como *Dark City*¹⁴ que, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, buscou saciar suas necessidades por espaços alternativos de lazer e cultura através da prática da exploração urbana. Inspirados pela estética *noir*, os pelotenses buscaram ressignificar a imagem do fracasso da sua cidade no período do abandono, enquanto desfrutavam das experiências estéticas proporcionadas pelas explorações nas ruínas para criar formas de expressão que lhes representassem. Assim, eles produziram diversos bens materiais e imateriais da cultura *underground* local, como fotos, músicas, vídeos¹⁵, festas e comportamentos.

12 Mendonça e Viana (2007) utilizaram a entrevista com foto-elicitação (EFE) como método qualitativo para desenvolver pesquisa sobre ambiente físico em hospitais. A incorporação de fotografias à entrevista propicia, de maneira agradável, a autoexpressão e possibilita que o informante seja capaz de explicar e identificar o conteúdo daquela fotografia, demonstrando ao entrevistador o seu conhecimento sobre o objeto pesquisado (Collier, 1973 *apud* Mendonça; Viana, 2007). As fotografias utilizadas na foto-elicitação são de autoria dos participantes.

13 *Underground* (do Inglês subterrâneo ou submundo) refere-se aos produtos e manifestações da contracultura, fugindo dos padrões comerciais e oficiais, também considerados marginalizados. O termo está relacionado à música, artes plásticas, literatura e toda forma de expressão através das artes e da cultura urbana contemporânea. Movimentos *punks*, góticos, *darks*, anarquistas etc., fazem parte da cultura *underground*.

14 O movimento *underground* pelotense tinha como principal referência a imagem de *Dark City* (Projas, 1998), um filme *noir* inspirado em *Nosferatu* (Murnau, 1922) e em *Metropolis* (Lang, 1927), onde o protagonista acorda sem memória numa cidade onde é sempre noite, e aos poucos ele tenta reconstruir o seu passado. A temática e a estética do referido filme possuem similaridade com a aura pelotense que pairava no contexto do abandono, quando as explorações urbanas ocorreram.

15 *Pelotas RS Brasil - the Dark City* é um vídeo em homenagem à cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. “Minha saudosa e querida Dark City. Fotografia e edição de Paulo Momento. Música de Vitor Ramil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ea99_Omz2tA. Acesso em: 24 jun. 2024.

Cinco exploradores urbanos participaram da pesquisa. Nascidos entre as décadas de 1970 e 1980, eles foram estudantes da UFPel, e dos cinco, quatro foram moradores do bairro Porto. Seus vínculos com o lugar remotam à infância e às relações cotidianas vivenciadas como moradores do bairro e da cidade em busca de espaços de lazer, e se intensificaram através da prática de exploração urbana.

Então, desde criança né [...], vindo morar aqui na Zona do Porto, eu lembro de andar de bicicleta pela zona e tal, e perceber que era uma zona antiga, que tinha muitos prédios antigos, alguns abandonados e tal, eu lembro de perceber esta característica assim, isso me chamava muito atenção [...] E na fase mais de adolescente eu lembro de entrar em alguns desses lugares assim, essas fábricas que tinha [...] e que era como uma espécie de...como que eu vou dizer, eram lugares que a gente usava pra lazer, [...] (A.M.L., 2020) ¹⁶.

[...] eu não sou natural de Pelotas, eu me mudei pra lá quando eu tinha por volta de 14 anos, quando eu era criança eu morava [...] do lado de uma fábrica de conservas [...] Então a minha primeira memória com relação ao Porto ela já remete a alguma coisa que me era familiar, da mais tênue infância assim, dos primeiros anos da minha vida mesmo, porque eu ouvia assim a chaminé da fábrica, ouvia os trabalhadores, e essa fábrica também foi à ruína ainda quando eu era criança. Então, depois eu encontrei essas ruínas multiplicadas né, nesse cenário do Porto [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (A.M.R., 2020) ¹⁷.

Desde a infância, eu morei em três lugares ali. Foi meu bairro durante muitos anos [...] a lembrança de infância era quando meus primos me levavam para caminhar na região, andávamos horas por tudo, [...] andava em cima de tubos ao lado moinho pelotense, [...] eram tubos enormes de ferro, andava por cima, por dentro, chutava eles pra escutar o som (R.G., 2021) ¹⁸.

[...] eu lembro da praça da Alfândega desde muito criança, de ir pra lá. Dos Armazéns do Porto, era um lugar que eu gostava muito de caminhar e que a gente ia pra lá por diversos motivos [...] eu entrei no Anglo antes dele virar universidade federal [...] É a cervejaria Haertel, conhecida vulgarmente como a fábrica da Brahma, que era o nosso *playground* né [...] Tinha toda uma série de lugares que a gente escalava [...] (R.P.A. 2020, grifo nosso) ¹⁹.

16 A.M.L., 44 anos. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, 23 ago. 2020.

17 A.M.R., 34 anos. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, 25 set. 2020.

18 R.G., idade não informada. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, 5 mar. 2020.

19 R.P.A., 44 anos. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, 23 nov. 2020.

Em seus relatos, os participantes falam sobre algumas experiências que constituem as suas memórias individuais, onde é possível identificar significados compartilhados consensualmente entre os integrantes do grupo. O termo *playground*, foi um significado atribuído ao bairro como um todo, mas também especificamente à Cervejaria Haertel ou “fábrica da Brahma”²⁰, como o prédio é popularmente conhecido.

Como eu te falei, eu cresci na vizinhança de uma fábrica, e quando essa fábrica faliu, ela virou meu quintal [...] bom aquilo [Zona do Porto] virou um *playground* mesmo né, enquanto a universidade não se apossou das coisas a gente invadia tudo que era espaço possível (A.M.R., 2020, grifo nosso).

A Zona do Porto foi pra mim um lugar de recreação, por muitos anos, o lugar que eu ia, primeiro pra explorar, pra conhecer um bairro novo, [...], quando eu comecei a sair sozinho, sem meus pais, pegar a minha bicicleta e ir pra qualquer lugar, eu ia pro Porto justamente por esse *playground* que era pra mim as fábricas abandonadas, por muito tempo foi isso (D.M.V., 2020, grifo nosso)²¹.

[...] ao invés de ir para uma praça, ir para um parque, ir para uma praia, a gente ia para uma fábrica dessas sabe, comprava uma bebida e ia pra lá, levava um violão pra tocar, uma bebida pra tomar, uma coisa pra comer, jogos, enfim, e ficava lá a tarde toda, conversando tirando fotos, explorando o lugar, esse tipo de coisa, [...] então eu considerava esses lugares assim, uma espécie de *playground*, era o *playground* de gente grande, [...] eram lugares mágicos, [...] como quem vai pra natureza, como quem vai pro mato sabe, só que sem sair do próprio bairro, sem sair da cidade, a gente conseguir ia pra esses lugares e ter uma experiência totalmente imersiva, longe completamente de toda a vida cotidiana [...] (A.M.L., 2020, grifo nosso).

Os participantes reconhecem o significado do termo em inglês *playground*, que representa o parquinho infantil ou pracinhas de recreação infantil, e se apropriam desse significado pré-existente em outra língua referente a um objeto utilizado em outra fase do desenvolvimento humano — a infância — incorporando-o à suas realidades. Com isso, eles atribuem valores simbólicos e de uso ao patrimônio industrial, tanto na

20 A Cervejaria Sul Riograndense – Haertel, fundada em 1889 pelo imigrante alemão Leopoldo Haertel, esteve em funcionamento até a década de 1940. A partir de então, foi comprada pela Cervejaria Brahma, utilizava o espaço para depósito e distribuição.

21 D.M.V., 36 anos. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, 10 out. 2020.

escala urbana quanto arquitetônica (Hernández; Tresserras, 2007). O valor simbólico está relacionado ao caráter associativo de um significado pré-existente incorporado em outro contexto, enquanto que o valor de uso está relacionado ao fato de o *playground* satisfazer as necessidades coletivas do grupo, funcionando como verdadeiros espaços de lazer e de respiro. A fotografia (Figura 3), que é de autoria do participante, e seu relato adjunto foram obtidos pela técnica de foto-elicitação (EFE). As narrativas visual e oral fornecidas conjuntamente pelos dois instrumentos se complementam, dando visibilidade à experiência da prática da exploração urbana, e ampliando a compreensão sobre a intensidade dos sentimentos e pensamentos, e sobre a carga de emoções que essa vivência proporciona ao participante.

Essa foto foi interessante porque já tava em meio desse processo aí da UFPel começar a comprar esses prédios abandonados e isso tava me deixando apavorado assim, porque eu imaginava que isso ia se acabar né, eu ia perder o acesso a esses lugares, e a Cotada era uma lugar que eu nunca tinha conseguido entrar [...] e aí invadi a Cotada e aí passei a tarde inteira lá dentro sabe, [...] eu subi pelas escadas e fui lá pra cima, e

FIGURA 3

Vista do Moinho Pelotense (Power) e Anglo ao fundo. Fotografia: acervo de A.M.L., 2009.



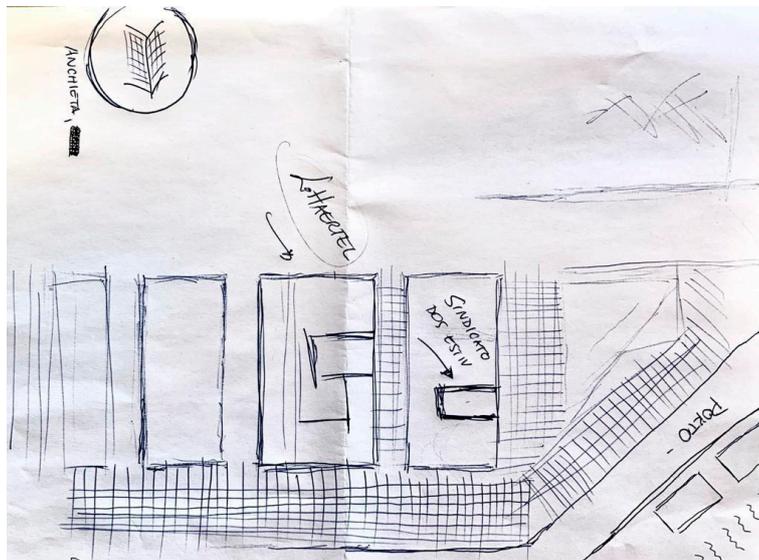
foi de lá que eu tirei essa foto, eu tenho várias fotos que eu fiz nesse dia, tava um dia nublaaaado assim, um dia assim lúgubre, *dark city* totaaaal, total, total, tava muito lindo aquele dia, completamente nublado, a luz tava maravilhosa esse amarelão que ficou as fotos assim, eu perdi um tempo ainda calibrando a câmera pra ficar bonito mesmo, e pá, peguei umas fotos muuuito massa lá dentro, e quando eu cheguei na parte mais alta que dava pra chegar, eu tive essa vista assim da Zona do Porto com o Anglo lá no fundo e aí começou a chover e aí foi quando eu bati essa foto. Tu vê que as ruas tem água empoçada, tu vê que o Anglo lá no fundo já tá meio ofuscado assim, meio nebuloso assim por causa da água da chuva e aí pega todos esses prédios abandonados ali da zona e tal, pega até o coleginho aqui no primeiro plano e tal, a caixa d'água do coleginho, depois os galpões do Porto, o Moinho Pelotense ali, o Power, pô pego tudo assim, então essa foto bah, foi uma coisa que eu sempre quis ter, um retrato da Zona do Porto bem bonito assim, num dia perfeito, com aquela chuva, com aquela iluminação. Então essa é a história desta foto, [...] nada mais importa, tu tá ali vivendo aquele momento sabe, tu tá totalmente focado no presente, [...] porque aquele momento tá sendo tão legal, tão grandioso que tu pensa “não, durante muito tempo eu vou lembrar disso assim, então eu tenho que aproveitar esse momento e registrar o que eu puder assim”, então eu fiz isso, [...] as vezes a gente tem que se esforçar um pouco, nesse dia eu fiquei muito feliz porque deu tudo certo (A.M.L., 2020).

Pode-se dizer que essa experiência atingiu uma realidade concreta para o participante, já que ela implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência, e deve ser constituída de sentimento e pensamento, os quais se complementam no processo de um continuum experiencial. “Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (Tuan, 2013, p.7).

Foi solicitado aos participantes que desenhassem um mapa sobre a Zona do Porto, indicando paisagens, lugares, caminhos, elementos entre outros objetos, que fossem significativos e importantes para eles. O mapa mental (Figura 4) foi elaborado simultaneamente com a narrativa a seguir.

Isso tudo vai muito fora de escala, mas a escala também vai denotar a importância das coisas né. [...] Quando a gente olha pro Porto e... - eu tô fazendo uma planta baixa mesmo - e passa pelos prédios e vê assim alguns deles têm assinaturas né, o sobrenome do capitalista que se fez ali e tal, e são coisas muito grandes assim, difíceis de desmanchar né. Como eu te falei, eu cresci na vizinhança de uma fábrica, e quando essa fábrica faliu, ela virou meu quintal, só que a falência de uma estrutura

FIGURA 4
Mapa mental
elaborado por A.M.R.
FONTE: acervo da
autora, 2020.



dessas normalmente tem muitos conflitos né, com o trabalho, com o trabalhador, com o capital do trabalho né, isso fica ainda de pé por muito tempo, é difícil tirar uma autoclave do chão, é difícil desmanchar uma esteira, e... então isso me traz um conflito também, conflito da classe trabalhadora – eu assinalei aqui uma estrutura que eu não sei se ainda está identificável, vou falando tá? Aqui eu coloquei o canal, o Porto certo? [...] aqui do lado tem um prédio que eu não sei se ainda está identificado, mas dizia assim “sindicato dos estivadores”, tinha um letreiro, tem agora umas oficinas mecânicas, aqui na esquina era a Cotada né, mas esse prédio é o único que tem, e que ainda tinha pintura renovada com a assinatura da classe que desapareceu de lá, do trabalhador, isso ali nos anos 2000, não sei se ainda tem, se tu visitar hoje lá não sei se tem, e aí...isso dá uma resposta macro né pra inquietação sobre o que seria o Porto. Porque perguntar sobre um prédio específico é mais fácil, “ah aqui funcionava uma fábrica de bolacha, aqui funciona um... a cilagem de grãos de um camarada chamado James Power, tá beleza, aqui é a fábrica do Leopoldo Haertel, [...]. Mas o que é o espaço inteiro? Tá, o Porto em si, o Porto é só aquela rua né, o Porto é lá na Conde de Porto Alegre lá no final, mas o bairro inteiro se chama Porto por causa do Porto. E porquê que o Porto é Porto? Porque tem a p* do estivador entende (risos)!? E aí aquele quadrado insignificante ali, provavelmente uma das menores frentes naquela quadra, oito metros, dez metros de frente, é como se fosse uma bandeira assim da classe trabalhadora né “isso aqui somos nós”, ainda... “tá caindo, mas estamos aqui” né. O fato deles pintarem, não precisava, não tem necessidade nenhuma de pintar, aquilo é morto praticamente, mas aí pintaram! Super interessante! [...]

Na representação eu sou obrigado a colocar o paralelepípedo, o granito recortado [...] porque a experiência de caminhar na madrugada ali, e ver o granito refletindo né, como o asfalto não faz, [...] o granito reflete em toda sua extensão, [...]. Eu sei que a neblina não muda a cor das coisas né, mas a neblina densifica a luz, e aí fica tudo meio sépia, e aí a gente se perde numa névoa, a luz ainda é amarela lá (A.M.R., 2020).

O relato do participante revela uma profunda reflexão e reinterpretação sobre as várias questões que envolvem o patrimônio industrial. O conteúdo reforça o potencial dessa combinação de narrativas, orais e visuais, para descobrir dados sensíveis e complexos que constituem as experiências dos sujeitos com os lugares. Além disso, mostra a importância do caminhar, ato intrínseco à prática da exploração urbana, para a apropriação e o conhecimento dos lugares. O uso da “caminhografia” tem sido utilizado como método de pesquisa por apresentar-se “como uma possibilidade de acompanhamento da vida, uma política ou filosofia, mas antes de tudo, uma prática de investigação da cidade com o corpo todo e para a diferença” (Rocha; Santos, 2024, p. 21).

A estética do abandono transmite uma emoção barroca, que pode ser captada como o drama da degradação, ou o conflito existente entre a grandeza no passado e a decadência no presente (Riegl, 2008). Os vestígios típicos do abandono — os musgos, as pátinas, e as ruínas — despertam forte apelo visual, instigando inúmeros questionamentos, proporcionando experiências sensíveis e diversificadas, intensificando o caráter do lugar, podendo com isso torná-lo distinto, fácil de ser identificado e lembrado (Tuan, 2013). Nas narrativas seguintes, associadas ou não a imagens, é possível perceber de que forma os participantes experimentaram ou se apropriaram das qualidades estéticas do abandono e de seus significados, ressignificando-os em suas práticas culturais (contracultura) e de lazer, e como isso influenciou na construção de suas identidades e comportamentos.

[...] eu gosto de resgatar em alguns desenhos meus o cenário do Porto. [...] acaba que é um cenário que pra mim é legal assim, porque eu gosto da cidade de Pelotas e eu gosto da estética da ruína, gosto desse lance depredado, gosto dessa... como te falei é uma coisa que agregou muito na minha poética visual sabe, como artista plástico, embora não formado, me considero. Eu acho que é importante pra mim e gosto de cultivar, gosto de manter vivo isso em mim (D.M.V., 2020).

A Zona do Porto construiu meu caráter [...] foi um lugar que me moldou

[...] o berço do *underground* local da cidade, [...] então a Zona do Porto tem um papel cultural assim muito forte na cidade [...] foi palco pra tudo isso [...] cheia de prédios abandonados, com essa característica sombria, tudo cinza, não tem colorido, um lugar cinzento, sombrio, soturno, lúgubre, [...] isso se aproxima muito com o conceito de *dark city*, [...] esse paralelo entre essas duas estéticas, [...] eu participei disso ativamente, e foi uma fase importantíssima na minha formação como indivíduo, [...] o entorno, o ambiente, o meio onde tu vive faz a pessoa que tu é, e ter toda essa influência, toda essa informação visual que tem aqui na zona sabe, corroborando com todo esse movimento, com toda essa estética que a gente buscava enquanto movimento gótico, dark, enfim, que teve muita importância no começo dos anos 2000 (A.M.L., 2020).

Eu acho que eu sou um pouco distinto dessa galera que viveu no Porto pela questão da contracultura e do *underground* e tal. Não que eu não tenha vivido e aproveitado bem essa fase, mas eu acho que fiz isso mais por ser amigo deles do que por mim mesmo. O meu... a minha questão com o Porto, pelo lado da ruína né, que..., que é... ruína é memória, é passado né, nunca deixou de colocar uma pergunta assim do tipo “o que era aqui? O que foi aqui? Né, quem trabalhou aqui?” [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (A.M.R., 2020).

[...] a gente era muito ligado a uma coisa muito subterrânea, muito *underground*, [...] a gente tocava umas coisas super obscuras nesse lugar. E acho que a gente tinha um certo orgulho né de ser obscuro em diversos sentidos, de ser diferente assim, da turma dos metaleiros, dos góticos [...] Esse lugar [Brahma] então ele é o... a fábrica abandonada que tem o maior número de lembranças. [...] a gente tem muitas histórias lá [...] a gente se sentia os mestres do lugar assim, às vezes a gente fazia... dava uma de *cicerone* né, ia mostrar pras pessoas todos os lugares que tinham lá dentro assim. [...] Ela [Zona do Porto] é uma parte fundamental da minha identidade pessoal né, e também da identidade coletiva de um grupo, com quem eu convivi por muito tempo (R.P.A., 2020).

[...] esse aí é o lugar que a gente chamava de *crazy town* (Figura 5) né, que era a floresta do segundo andar, [...] era o lugar bem característico da Brahma [...] Ah muita coisa rolou aí nesse lugar, [...] era um lugar bem de convivência né, social assim, mas ao mesmo tempo bem *underground* assim porque, vai pensar quem é que invade um lugar abandonado pra fazer lazer, mas aqui na Zona do Porto era assim sabe, tinha essa característica, não era só eu e meia dúzia que fazia isso, era muito mais gente, chegava lá e tinha outras pessoas lá fazendo a mesma coisa, entra de curioso, vê o lugar e fica maravilhado com aquilo né, porque é mágico né, esse tipo de lugar tem a sua magia, tu tá lá dentro e parece que é tudo diferente, [...] é uma outra coisa [...] parece que atravessa o portal e aí tu tá em outro tempo, em outra realidade [...] (A.M.L., 2020).

FIGURA 5

DSCo4839 - Crazy Town. Fotografia: acervo de A.M.L., 2016.



As vivências e experiências relatadas demonstram que os participantes se comportavam como verdadeiros habitantes do lugar, pois eles eram capazes de se orientar e de se identificar, ou seja, eles sabiam onde estavam e como estavam nesses lugares (Norberg-Schulz, 2008). Essas vivências contribuíram para o desenvolvimento de um profundo elo afetivo entre os participantes e o lugar, que Tuan (1974) identifica pelo conceito de topofilia²².

Quanto ao reconhecimento desses espaços como patrimônio, os participantes demonstram um amplo entendimento sobre as suas dimensões material e imaterial. Eles são compreendidos pelo caráter industrial assim como pelo residencial e urbano diversificado, incluindo a paisagem natural e a paisagem cultural referente ao espaço concreto e construído. Também pelas memórias relacionadas ao mundo do trabalho e dos trabalhadores,

22 O conceito de topofilia, desenvolvido pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1974) compreende os elos afetivos desenvolvidos entre os indivíduos e os lugares, através da percepção, atitudes e valores.

assim como pelas memórias da comunidade em geral relacionadas ao lugar.

Com certeza! É!...Primeiro porque o mundo pertence à classe trabalhadora, e esse é um espaço onde os trabalhadores viveram a sua história e foram duramente penalizados porque se tornaram obsoletos. [...] ali no Porto é a memória do trabalhador. A história do trabalhador. [...] é patrimônio sim, é memória. É identidade, trajetória, história (A.M.R., 2020).

[...] acho que são patrimônios pela história, pela vivência das pessoas que passaram por ali, gerações né, tanto quanto em funcionamento quanto como espaço, o espaço em si, concreto armado, que possibilita que pessoas andem ali. Acho que isso gera uma história por lugar, eu acredito que é patrimônio. Justamente por ser tão frequentado, eu acho que tem uma carga afetiva ali, até para as pessoas que moram ali, né... Então eu acho que deve ser preservado de alguma forma, ressignificado, mas preservado, ao invés de destruir e criar uma zona residencial por exemplo como a gente vê acontecendo né, eu acho que pode aproveitar o que já tá feito, sabe, acredito que aí no futuro isso vira um símbolo da... justamente da ressignificação da coisa sabe. Eu sempre penso na geração futura, o que vai acontecer, o quê que vão lembrar, como vão lembrar, eu prefiro que o que tá em ruína seja lembrado de forma positiva, não só como uma coisa que foi depredada e esquecida, por mais que eu goste da exploração da ruína eu sei que uma hora isso se extingue essa coisa, não tem mais o que ser explorado ali, então que seja ressignificado assim. Então eu acredito que deve ser mantido como patrimônio (D.M.V., 2020).

Então, pra mim aquele bairro tem dois tipos de patrimônio clássico né, definido dentro da academia, o patrimônio material da região ele é sem sombra de dúvida muito ligado às grandes fábricas, às ruas de paralelepípedo, aos casarões antigos né...Esse patrimônio material todo ele cria uma certa paisagem, ele compete com uma paisagem natural que já existe né, do Canal, das planícies né, e essa paisagem ela ajuda a definir o lugar. Mas também tem um outro tipo de patrimônio, imaterial, que tem a ver com as memórias de um conjunto de pessoas que cresceu e viveu nesse lugar e os usos que se dava pra esse lugar né, principalmente os usos de lazer, no nosso caso assim, os barzinhos, as festas noturnas e diurnas mesmo que tinha e a importância das fábricas como patrimônio, se elas são consideradas... elas são, sem sombra de dúvida patrimônio. E acho que elas são patrimônio das duas formas clássicas de patrimônio, tanto material como imaterial, porque elas são lugares de memória pras pessoas que trabalharam, pras pessoas que conviveram, pra pessoas que como eu, né, transgrediram a utilização original desses espaços né... E eles são patrimônio material, claro, cada pedra colocada pela humanidade neste maldito planetinha é parte da memória (R.P.A., 2020).

Essa foto (Figura 6) mostra o típico pôr-do-sol no Quadrado, né, patrimônio imaterial da Zona do Porto. Isso aí é como o nosso Guaíba, bem dizer é o pôr-do-sol, nosso pôr-do-sol do Guaíba é isso aqui, porque o Laranjal não tem um pôr-do-sol legal, então é esse que nós temos, é o pôr-do-sol na Zona do Porto, olhando a ponte de Rio Grande por um lado e pro outro olhando esse visual que nós temos aqui. [...] Eu gosto dessa foto porque ela pegou uma luz maravilhosa [...] Pegou bem o pôr-do-sol na Zona do Porto e a luz refletindo nas telhas metálicas lá do Power, os armazéns do Porto, o guindaste novo em funcionamento [...] estrutura do Clube Náutico Gaúcho, que eu pude vivenciar bastante também, [...] saía pra andar de caiaque no São Gonçalo, uma outra maneira muito legal de vivenciar a Zona do Porto: navegar de caiaque sozinho por essas águas assim [...] Então esse visual assim pô...quem mora aqui no Porto admira, então eu escolhi essa foto por isso, por ser uma foto bonita e por ter essa atmosfera de tranquilidade assim, de calma, porque o Quadrado mesmo é um lugar de lazer, não só do Porto como da cidade inteira né, todo mundo vem pra cá [...] e o Quadrado aqui é a nossa praia, e eu acho muito legal isso, o fato de a nossa praia ser uma praia de concreto. Não é uma praia de areia, é um lugar de concreto, um lugar industrial, então isso reforça essa característica industrial assim decadente da Zona do Porto (A.M.L., 2020).

FIGURA 6

Pôr-do-sol do Quadrado.

Fotografia: acervo de A.M.L., 2010.



O participante atribui valor imaterial à paisagem formada pelo conjunto dos elementos naturais e construídos pelo homem, sobre os quais incide o reflexo do pôr-do-sol. Por se referir a esse fenômeno como o “nosso pôr-do-sol do Guaíba”, ele reconhece que o pôr-do-sol do Guaíba é considerado um símbolo regional²³ e atribui a essa paisagem um valor simbólico. Fato semelhante ocorre quando ele se refere ao Quadrado²⁴ como “nossa praia” e “nossa praia ser uma praia de concreto”. Ele reconhece que o Quadrado cumpre, de certa forma, uma função semelhante às praias, devido ao acesso à água. Por satisfazer suas necessidades de lazer, como se estivesse em uma praia, ele atribui ao Quadrado um valor de uso. Ao reconhecer que o lugar “é um lugar de concreto, um lugar industrial” e empregar o termo “praia de concreto” ele atribui valor simbólico ao Quadrado.

Os diferentes pontos de vista dos participantes sobre a inserção da universidade na Zona do Porto demonstram uma das diversas contradições que compõem esse território, impulsionando o movimento dialético, permitindo ao patrimônio avançar no curso do tempo.

Eu tô muito satisfeito com a chegada da Universidade Federal, e o fato da Universidade Federal ter sido quem se apropriou do lugar, porque quais eram as possibilidades? [...] esses grandes espaços das antigas fábricas sendo vendidos pra Universidade Federal pra mim é o melhor destino possível pro lugar, pra mim é perfeito. Pra mim o lugar tem vocação pra isso, para um grande campus universitário. Acho sensacional e eu entendo que a Universidade Federal... ela tem mostrado muita responsabilidade com esses lugares, tentado manter as principais características arquitetônicas, [...] prover eles de espaços de convivência, entender que esses espaços eles não são só dos estudantes e professores e funcionários da Universidade, que pertence à comunidade como um todo... agora estão botando um calçadão na frente do ICH né [...] (R.P.A., 2020).

[...] eu acho que a UFPel tem feito um bom trabalho em ressignificar as coisas, mas eu acho que eles podiam ter um projeto piloto pra isso, assim né... Acho que algum órgão público, mas com um planejamento adequado a isso [...] Porque eu vejo que a cidade é [...] muito ligada à cultura assim, e eu acredito que o trabalhador precisa disso assim, já que ele não tem mais nem o lugar de trabalho, que seja então um lugar

23 *Jornal do Comércio*. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/galeria_de_imagens/2018/07/639287-orka-do-guaiba-em-porto-alegre-muito-alem-do-por-do-sol.html Acesso em: 6 dez. 2020.

24 O Quadrado é um antigo atracadouro localizado na zona portuária, às margens do Canal São Gonçalo, considerado um ponto turístico da cidade.

de lazer, talvez. Então explorar mais esse lance de lazer, de cultura, espaços de convivência, criar parque. E acredito também... eu tenho uma visão muito... hoje em dia, muito ecológica das coisas, então eu acho que poderia ter espaços verdes maiores. Sei que eu gosto muito do espaço cinza e destruído da ruína, mas eu acho que se a natureza voltasse com força ali seria melhor, ia ser um espaço que ia respirar mais sabe, outro nível de cidade acho que poderia ter, de qualidade de vida também. Utópico né... (risos) (D.M.V., 2020).

Sem lógica, sem uma visão empresarial de finalidade. Assim só como espaço, mas sem oportunismo. [...] Dedicar esse espaço assim pra universitários tá, ok, mas é um pouco o que acabou fazendo a UFPel e eu não me agrado. Então eu acho que a ausência de um olhar gerenciador seria o melhor destino pro Porto (A.M.R., 2020).

[...] aqueles que a UFPel pegou pra restaurar assim, muitos descaracterizaram completamente né, [...] Mas claro ainda existem muitas ruínas por aqui [...] e isso ainda preserva suas características estéticas assim, que eu acho muito interessante, mas, não se tem mais aquela experiência como era antes assim, eu não consigo ter daquele jeito, até de poder acessar esses lugares, poder andar, então uns estão com outro uso, [...] então já se torna uma outra coisa né, vira um outro tipo de espaço. [...] Eu gostaria que pessoas com preocupações mais culturais, estéticas pudessem ter tido um olhar sobre esses lugares e visado preservar essas características que esses lugares tinham sabe, mesmo dando um uso assim, [...] e colocando esses lugares em funcionamento para o uso da comunidade local assim, não “pruma” instituição fechada, como vai, por exemplo, a UFPel [...] compra um prédio desses, [...] deixa de servir a comunidade em geral, assim pra servir a comunidade estudantil, eu não tenho mais acesso a esses lugares como eu tinha antes, por exemplo (A.M.L., 2020).

Os participantes manifestam opiniões pró e contra em relação à maneira como a UFPel promoveu a reutilização desse patrimônio. Eles defendem a criação de espaços de respiro e criatividade, a preservação das qualidades estéticas da ruína, e a ampliação do uso desses espaços para toda a comunidade. Há também a menção sobre a concepção de espaços sem a lógica de uso e função comumente atribuídas aos lugares.

As críticas feitas pelos exploradores urbanos, sobre as alterações empreendidas pela universidade, não se referem apenas às questões pessoais ou coletivas que lhes afetaram enquanto grupo de exploração urbana. A narrativa adjunta à fotografia a seguir (Figura 7) aborda esse tema, onde o participante faz uma crítica em prol do coletivo e se baseia na relação entre

memória e esquecimento (Candau, 2018). Além disso, ela demonstra que ele tem plena compreensão do caráter do lugar, reconhecendo suas qualidades peculiares, identificadas pela relação entre os elementos construídos pelo homem e a natureza do entorno (Norberg-Shulz, 2008).

FIGURA 7

Frigorífico Anglo.
Fotografia: acervo de
A.M.L., 2005.



[...] eu me lembro que quando eu subi lá eu tirei umas fotos do Anglo lá de cima, [...] e ainda com os dizeres do Anglo na parede né, aquilo ali era característico sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo aí, quando a UFPel apagou isso aí, tipo, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da Zona do Porto sabe, como quem chega na lua e crava a bandeira sabe, [...] é a mesma coisa que... sei lá, alguém chegar lá e tirar o letreiro de Hollywood sabe, tira o letreiro de Hollywood e escreve lá Pepsi, sei lá, Coca Cola, imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era pô, era característico da zona, e todo mundo olhava pra isso, e via isso, e quando vê, de repente: UFPeel! [...] enfim, pelo menos a chaminé eles tiveram a decência de manter, né [...] Mas essa [foto] daí pega o lugar inteiro assim, [...] por ter essa visão mais ampla assim do lugar e tal. [...] ele parece que era um monumento da zona, esse prédio muito grande, onde tu tava na Zona do Porto tu enxergava ele né, então

esse lugar sempre teve muito presente no imaginário dos moradores do lugar, sempre teve ali marcando sua presença, imponente, colossal, grande e... pô taí registrado pra gente poder lembrar como era. [...] O lugar onde é o Anglo assim... na beira do canal, a visão que se tem das peças mais altas lá, olhando pro Canal São Gonçalo... pô, é muito legal! Então junta, né, a própria natureza da nossa região assim, que é muito bonita, muito característica, com o lance de banhado, da beira do canal, das aves e mais tudo o que acaba sendo praticamente um retrato do que é Taim, desse bioma... E também esse patrimônio industrial assim acaba fazendo parte né, tá aí há tanto tempo...Pra uma pessoa da minha idade isso aí sempre teve aí, desde que eu me conheço por gente, aqui na zona, ele sempre teve aí, bem desse jeito como tá aí assim, então essa foto eu considero uma relíquia, ela guardou muito bem esse momento assim [...] (A.M.L., 2020).

De acordo com o participante, o letreiro na empena do prédio cumpria uma função de sociotransmissor (Candau, 2018), pois sua presença na paisagem continha um significado que era reconhecido coletivamente pela comunidade e desempenhava um importante papel na formação da memória e no fortalecimento da rede de associações das lembranças e reconhecimentos. Sua crítica em relação ao apagamento do letreiro pela UFPel se justifica pelo fato de que sua ausência pode contribuir para o processo de esquecimento ao longo do tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou como o patrimônio industrial, na condição de ruína, atuou como lugar de reflexão, ressignificação, criatividade e respiro, através da prática de exploração urbana. As vivências dos exploradores urbanos, por vezes interpretadas como uma forma marginalizada de ser e estar no meio urbano, foram subversivas, contribuindo para intensificar os elos afetivos do grupo com esse patrimônio, e para aprofundar os conhecimentos sobre esses bens nas escalas arquitetônica e urbana.

Essas experiências, ao serem analisadas no presente, revelam uma série de novos valores até então desconhecidos e não reconhecidos pelos documentos dedicados à preservação do patrimônio industrial, contribuindo para ampliar as discussões sobre novas possibilidades de preservação do patrimônio industrial, e a construção de novos conhecimentos nessa área. O percurso metodológico e os instrumentos de coleta de dados se mostraram eficazes para revelar a existência de aspectos distintos daqueles

tradicionalmente vinculados a esse tipo de patrimônio, geralmente relacionados ao contexto industrial, ao mundo do trabalho e às memórias dos trabalhadores.

Considerando as recomendações da Carta de Sevilha, estima-se que esses novos conhecimentos possam ser conciliados com os critérios de intervenção vigentes, assim como possam integrar valores a serem conservados e potencialidades a serem ativadas, garantindo a sustentabilidade do projeto junto à diversidade de uso. Além disso, possibilitar a participação da comunidade e a preservação dos valores que ela atribui ao patrimônio é importante para legitimá-lo perante a sociedade civil e fortalecer o sentimento de pertencimento dessa comunidade, mantendo-o vivo.

REFERÊNCIAS

- BRITTO, Natália Daniela Soares Sá. *Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rio Grande. Rio Grande, 2011.
- CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- DEL RIO, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. *Mundo urbano – textos sobre a cidade contemporânea* [S.d.]. Disponível em: <https://cristovao1.wordpress.com/2010/08/01/a-dialetica-entre-permanencia-e-ruptura-nos-processos-de-transformacao-do-espaco/>. Acesso em: 9 set. 2020.
- ESSINGER, Cíntia Vieira. *Entre a fábrica e a rua: a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário, Bairro da Vársea, Pelotas, RS (1953- 1974)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio cultural) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. *Patrimônio industrial rural e urbano na cidade de Pelotas, RS*. Projeto de pesquisa UFPEL. Pelotas, 2011.
- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2. ed. Pelotas: UFPEL, 2001.
- HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan i. *Gestión del patrimonio cultural*. 3. ed.

Barcelona: Ariel, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação patrimonial: manual de aplicação*. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KÜHL, Beatriz Mugayar. [Entrevista concedida a] Telma Bessa. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. *Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: UVA, 2018. p. 189-202.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas princesa*. Pelotas: Diário Popular, 2012.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de, VIANA, Marcilio Freire Tabosa. *Entrevista com foto-elicitación (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações*. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 1, 2007, Recife.

MENEGUELLO, Cristina; SILVA, Anaxsuell Fernando da; RODRIGUES, Wagner do Nascimento. As ruínas do futuro e o novo patrimônio industrial. Entrevista com Cristina Meneguello. *Contexto*, Mossoró, v. 4, p. 249-255, 2013.

MICHELON, Francisca Ferreira [org.] *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: UFPel, 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: Nesbitt, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-460.

PELOTAS. Lei no 4.568/2000. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2000.

PELOTAS. Lei n.º 5.502/2008. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: Riocell, 1985.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. *Urbanisme*, n. 303, p. 44-51, nov./dez. 1998.

RIEGL, Alois. *El culto moderno a los monumentos*. Madrid: Machado, 2008.

ROCHA, Eduardo. Os lugares do abandono. *Arquitextos*, São Paulo, v. 97, n. 6, junho, 2008.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame. *Verbolário da caminhografia urbana*. Pelotas: Caseira, 2024.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

TASSINARI, Alberto. Mundo da obra e o mundo em comum. In: TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p.75-95.

TICCIH-Brasil. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*. 2003. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/> Acesso em: 19 out. 2019.

TICCIH-Brasil. *Princípios de Dublin*. 2011. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/os-principios-de-dublin/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

TICCIH-Brasil. *Carta de Sevilha de patrimônio industrial*. 2018. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/apresentacao-da-carta-de-sevilha-de-patrimonio-industrial/>. Acesso em: 19 out. 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Caetano do Sul: Difusão, 1974.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A cidade fragmentada, o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas*. Pelotas: UFPel, 2005.

